

Da Primogênita à Cósmica: a Raça em Alencar e Vasconcelos

Roseli Barros Cunha¹

Raça: do século XV ao XXI

Desde o final do século XX, acompanhando a tendência das ciências biológicas baseada em pesquisas realizadas por geneticistas, intelectuais das ciências humanas entendem o termo raça como uma construção conceitual histórica e discursiva. Essa construção, em vigor desde o século XV, seria promovida por uma concepção etnocêntrica instituída como forma de estabelecer relações de poder. Assim, raça

se convirtió en el primer criterio fundamental para la distribución de la población mundial en rangos, lugares y roles en la estructura de poder de la nueva sociedad. En otros términos, en el modo básico de la clasificación social universal de la población mundial².

Não tenciono traçar um estudo diacrônico e por distintos contextos socioeconômicos e culturais da palavra raça. Entretanto, procuro recordar brevemente o quão controvertido é o termo desde muito antes do século XIX e a especificidade que tomou nesse período, cujos reflexos ainda atualmente são percebidos.

Ao tratar da discussão sobre raça no Brasil de hoje, parece haver dois entendimentos para o vocábulo. Por um lado, a ciência tende a considerar a inexistência de diferenças raciais no âmbito biológico, entendido como uma

¹ Professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará (UFC).

² QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Comp.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 203.

construção conceitual; por outro, no imaginário social, o discurso da diferença racial e principalmente o da miscigenação seguem vigentes³.

O termo teve ampla difusão no século XIX e ganhou estatuto de conceito científico com o sentido de um conjunto de atributos biológicos comuns a determinado grupo humano. Entretanto, raça era uma palavra conhecida desde o século XV e designava o pertencimento a determinada linhagem. Acreditava-se na existência de uma única raça humana descendente de Abraão, segundo a Bíblia, embora diferenças religiosas e culturais, entendidas hoje como étnicas, fossem motivo de preconceito e perseguições. Essa era a tese monogenista⁴.

Durante a constituição dos primeiros Estados nacionais europeus, diante da necessidade de enfatizar diferenças linguísticas e históricas internas, aparece a ideia de diferença racial. Somente no século XVIII, com a definição do termo como um sistema de classificação humana, surge a hipótese que defende a existência de diversas raças humanas, tese poligenista. Mas foi com a colaboração de disciplinas como a História Natural, originadora da Antropologia Física, que os iluministas elaboraram a teoria racialista, segundo a qual raça designava um grupo humano com características físicas e morais em comum. Além disso, acreditava-se que as diferenças físicas seriam as geradoras das intelectuais.

Outro dado importante a ser recordado sobre o termo foi a publicação de *A origem das espécies* (1859), por Charles Darwin, e a posterior expansão de suas ideias para o campo social promovida por Herbert Spencer⁵. Para o darwinismo social, a partir das teorias da evolução e seleção natural, as raças não eram somente diferentes, mas umas superiores a outras, e, portanto, as

³ SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 346.

⁴ A distinção “negro” e “branco” seria anterior ao discurso racial. As duas estiveram desde muito antes associadas a ideais morais e religiosos. Nas línguas indo-europeias, o branco representava o bem, o belo, o inocente, o puro, o divino; por sua vez, o negro era associado ao mal, às trevas, à culpa, ao diabólico, enfim, ao que fosse moralmente condenável. Já na Idade Média, mais do que a cor da pele, era a filiação religiosa o traço definidor de pertencimento. Ver: HOFBAUER, Andreas. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX: bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, n. 42-43, p. 70. jan.-jul. 2003.

⁵ A publicação e a divulgação da obra de Darwin teriam promovido uma amenização entre o embate dos defensores das teses monogenista e poligenista. Ver: REBELO, Fernanda. Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro na virada do século XIX para o XX. In: MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira et al. (Ed.). *Filosofia e história da Biologia*, v. II. São Paulo: Livraria da Física Editora; Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2007. p. 161.

primeiras deveriam “submeter e substituir as outras”⁶. Com isso, teve início a crença na pureza das raças proposta pela tese da eugenia⁷.

Ainda dentro das várias controvérsias sobre raça e seu surgimento, no século XX despontaram várias propostas conciliadoras entre as teses científicas e religiosas. Este é o caso da obra do teólogo e paleontólogo francês Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955)⁸. Adepto do evolucionismo teísta, ele foi acusado de místico e acabou desqualificado tanto pela Igreja como pelos cientistas.

É nesse contexto tão polêmico de debates que estão inseridos os dois autores abordados neste artigo: José de Alencar (1829-1877), brasileiro, conhecido por seus romances e seu projeto de integração nacional por meio deles, e José Vasconcelos (1881-1959), mexicano, que, além de escritor, também foi político, tendo sido ainda embaixador e candidato à presidência de seu país em 1929.

Há uma distância tanto espacial quanto temporal entre Alencar e Vasconcelos e suas obras, mas não se pode deixar de notar nos textos aqui abordados a discussão sobre raça, na qual prevalece a crença em certa peculiaridade de uma “raça latino-americana”. Tal abordagem sobre a América Latina é particularmente interessante em Alencar, pois o autor assume essa perspectiva em uma época na qual era incomum a preocupação, entre os brasileiros, com questões relacionadas ao subcontinente.

Antiga e primogênita: a raça de Alencar

Os manuscritos *Antiguidade da América* e *A raça primogênita*, do autor cearense José de Alencar, estiveram, desde o final do século XIX até 1965, praticamente esquecidos pela crítica especializada; para o público em geral, tornaram-se acessíveis em 2010⁹.

⁶ Ver: SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 347.

⁷ O termo foi cunhado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton. Este defendia que a melhora da raça não ocorria por meio da educação, mas pela hereditariedade humana. Ver: REBELO, Fernanda. Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro na virada do século XIX para o XX. In: MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira *et al.* (Ed.). *Filosofia e história da Biologia*, v. II. São Paulo: Livraria da Física Editora; Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2007. p. 165.

⁸ Amoroso Lima teria sido o primeiro a assinalar que a tentativa de conciliação entre a ciência e a religião de Alencar se parece muito com a proposta realizada posteriormente, no século XX, por Chardin. Ver: PELOGGIO, Marcelo. A intuição geral do mundo: Alencar e Chardin. In: ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 131-153.

⁹ Edição realizada pelo pesquisador e professor Marcelo Peloggio, da Universidade Federal do Ceará, e equipe.

A data exata de escritura dos textos de Alencar é uma incógnita. Eles podem ter sido redigidos ao longo de vários anos e concomitantemente a outras obras. Tem-se apenas uma data aproximada, o final dos anos 1870, pela proximidade temática a outros publicados em 1877 em *O vulgarizador*, a saber: “O homem pré-histórico na América”, “O reino social” e “O Rio de Janeiro – prólogo”.

Antiguidade da América e A raça primogênita são textos fragmentários, subdivididos em pequenos capítulos ou blocos. Há muitas e incompletas referências a intelectuais do século XIX e anteriores. Precedidos apenas pela designação “autores”, aparecem nomes como os de Humboldt, Buffon, Herreta, Warden, seguidos por um hífen e um espaço em branco, de modo inconclusivo. Assim, também são várias e reticentes as referências à Bíblia: Adão, Noé, Set, Caim, entre outros.

Em meio a tantas teorias, fatos, hipóteses, personagens e personalidades, ambos os textos inscrevem-se na obra de Alencar como esboços do que poderia vir a ser uma produção de maior fôlego – um ensaio ou romance. Tanto por isso, sem sombra de dúvidas, evidencia-se entre eles uma complementaridade, principalmente no que concerne ao entendimento e à importância que o seu autor dava à questão da raça.

Em *A raça primogênita*, o romancista demonstra estar ciente das polêmicas em torno de questões intensamente debatidas naquele período: “definir rigorosamente a noção de raça e assinalar a diferença entre as diversas raças – são dois pontos ainda não resolvidos e definitivamente aventados”¹⁰. Entretanto, mais adiante ele insinua não estar interessado em precisar o tema: “para o ligeiro estudo é indiferente que a raça provenha da mesma ou de especial origem. Com esse nome designo cada uma das grandes seções em que se subdivide o gênero humano, ou como querem outros a família humana”¹¹.

Aliado à dúvida não resolvida pela ciência, surge o questionamento sobre o traço de distinção entre as raças. O cearense não considerava que a anatomia ou a fisiologia, por meio do estudo do crânio ou de outras partes do corpo humano, tal como propunham algumas teorias, pudessem determinar tal diferença. Diante da falta de evidências, o melhor, em sua concepção, seria adotar a proposta de Carolus Linnaeus (1707-1778), autor da obra *Systema naturae* (1735). O botânico, zoólogo e médico sueco trata a cor como traço mais proeminente.

¹⁰ ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 63.

¹¹ *Ibidem*, p. 63.

O romancista assinala a incerteza de certos princípios fundamentais da chamada ciência positivista e mais uma vez argumenta que, apesar de pretender conhecer tudo, ela não saberia explicar a origem “desse pigmento” – da “raça”¹². Entretanto, Alencar acreditava, como muitos de sua época e de outras, no critério da “cor” para fixar a distinção entre as raças. Diante do impasse, questiona-se: qual das quatro raças – ou, em sua concepção –, qual das quatro cores teria sido a primeira, iniciadora da espécie humana?

Portanto, nota-se uma oscilação em sua justificativa: por um lado, dizia que definir a raça não era importante para o propósito pelo qual escrevia, por isso adotaria o critério da cor; por outro, indicava uma necessidade de saber qual cor/raça seria a iniciadora da humanidade. Ao final do preâmbulo, o autor exporá o propósito de seu texto – ensaiar sobre a cor como distinção racial e, com isso, demonstrar a ancestralidade da “raça americana”:

Eu distingo as raças pelo traço mais constante, o da cor; e conto quatro raças puras: a negra, a vermelha, a amarela e a branca, sem desconhecer a existência de raças mestiças, que se formaram em tempos primitivos da mesma forma que no tempo moderno e estão formando a dos mulatos e cafuzos ou cholos, na América [...] ¹³.

Alencar afirma em *A raça primogênita* não ter a pretensão de “fazer ciência”; apresentaria conjecturas, pois era apenas um espírito desejoso de ser convencido. Essa mesma proposta aparece em *Antiguidade da América*. Diante da falta de documentação histórica, como seria o caso da América, a mitologia deveria suprir a falta de conhecimento: “a mitologia é a história desvanecida e confusa pela grande longitude”¹⁴.

O autor declara não ser seguidor do darwinismo evolucionista, divulgado por Spencer, pois não considerava as leis da seleção e da evolução absolutas, e sim apenas subordinadas ao princípio da criação. Mas, a partir do raciocínio da própria ciência positivista, Alencar explica a incoerência que seria acreditar na prioridade da raça negra como precursora das demais, hipótese aventada pela teoria do transformismo. Estava posta sua tese sobre a antiguidade da América e consequente ancestralidade da “raça americana” – indígena.

¹² ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 64.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*, p. 25.

Em *A raça primogênita*, Alencar completa seu raciocínio sobre a incapacidade da ciência positivista em definir a origem e a suposta diferença entre as “cores” das “raças”: “ela que ignora isso pretende saber como o homem foi gerado”¹⁵. Com esse tom irônico, o autor evidencia que suas especulações se apoiam em outra teoria.

Em *Antiguidade da América*, explicita que na base de seu ensaio e de suas ideias estão os preceitos da religião cristã, ao menos no que tange ao surgimento do mundo e do homem: “exibiu Deus porém na América o documento majestoso dessa idade histórica, imersa nos abismos do passado”¹⁶. E mais ainda: diante dos desígnios divinos, o homem teria uma missão: “o destino do homem, ou a concepção da mente divina criando-o – a questão é já muito longamente discutida. Não obstante, convém tratá-la ainda em face da *Bíblia*”¹⁷.

Resumindo a hipótese aventada por Alencar nos dois artigos: Deus teria criado o primeiro casal de onde se originou a humanidade; entretanto, este não seria, como alegavam várias concepções teóricas na época, nem branco, nem negro. Segundo sua teoria, a humanidade provinha da “raça vermelha”, por isso a referência na Bíblia à cor da argila, ao nome *adam*. Essa concepção proposta pelo romancista possibilitava a conjunção entre a ciência e a doutrina judaico-cristã: o indígena – raça primogênita – tinha a cor da argila, “do barro do qual segundo o Gênese foi ele amassado”¹⁸. Portanto, a raça que originou a humanidade teria sido a indígena e o lugar onde ela surgiu, a América.

Seu interesse era tratar do início do mundo – do todo –, mas só podia fazê-lo a partir do fragmentário, por meio de micro-histórias ou minimitologias. Entra em ação o procedimento de um *bricoleur*¹⁹ tentando conciliar dois pensamentos antagônicos. O romancista busca uma síntese entre as duas teorias – judaico-cristã e científica –, nas quais, como homem do século XIX, ele está inserido e crê: “há verdade em ambas as doutrinas, conforme o ponto de vista”²⁰.

Prossegue em sua bricolagem para destacar que a América teria sido o berço da raça primordial quando todos os continentes estavam unidos e teriam a cordilheira dos Andes como grande espinha dorsal. Para Alencar, por

¹⁵ ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 64.

¹⁶ *Ibidem*, p. 37.

¹⁷ *Ibidem*, p. 52.

¹⁸ *Ibidem*, p. 53.

¹⁹ SABINO, César. Arauto da diferença: José de Alencar e a ética do indecível. In: ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 119. Para a questão da *bricolage*, ver a obra *La pensée sauvage* (1962), de Lévi-Strauss.

²⁰ ALENCAR, *op. cit.*, p. 32.

meio dessa minimitologia, a América teria sido o centro do mundo, uma vez que (declara apoiando-se na Bíblia) “se vê que a primeira divisão foi de um só mar e uma só terra”²¹.

Se com isso a impressão que se tem é de que o protagonismo era do subcontinente americano, o autor logo volta seu foco para o Brasil. Alencar busca apoio nos estudos do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, descobridor de vestígios de ossada humana primitiva na caverna de Lagoa Santa, em Minas Gerais, e argumenta que “a ciência geológica por sua parte já demonstrou que o centro do Brasil é o mais antigo continente do nosso planeta”²². O Brasil teria nascido com a “aurora da moderna idade; sua civilização caminhou uniforme: a luz que emana exclusivamente da metrópole difundia-se proporcionalmente por todos os horizontes sociais”²³. Para o romancista, essa seria uma peculiaridade do povo brasileiro da qual adviriam vantagens.

Porém, ainda que esteja manifesta uma exaltação à “raça vermelha/americana” – portanto, à indígena –, o autor não se desvencilha dos preconceitos da época. Valoriza a miscigenação, mas pende para o lado do elemento considerado branco, o colonizador. Segundo é possível perceber, na edição crítica, Alencar reescreveu dois parágrafos e retirou o trecho que transcrevo a seguir:

Semelhante pensamento me parece ter um travo forte de materialismo. A primeira originalidade da região, e sua mais bela reminiscência, é do homem indígena, que primitivamente a habitou. Não há na história exemplo de um povo, que situando-se em nova pátria não receba nela o influxo dos costumes, das ideias e tradições ali radicadas [...] ²⁴.

Nesse fragmento excluído do ensaio, exaltava os indígenas – ainda que em outro momento fossem os “aborígenes do solo” considerados “hordas selvagens” – e a influência que eles teriam deixado nos que chegaram depois. Mais adiante, Alencar anseia apoiar a ideia da mescla entre ambas as raças, ainda que lhe falem palavras para valorizar o elemento indígena. Note-se a abrupta interrupção no manuscrito:

²¹ ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 29.

²² *Ibidem*, p. 51.

²³ *Ibidem*, p. 24.

²⁴ *Ibidem*, p. 25.

O povo brasileiro é filho do povo português; mas corre em suas veias também um raio de sangue indígena americano. A língua outrora falada nestas plagas ainda serve em uma infinidade de nomes de localidades e produtos. Costumes e indústrias desses primeiros habitantes foram por nós adotados, como o uso da rede, o fabrico de farinha de mandioca, e tantos outros misteres. Até das [aqui se interrompe o manuscrito]²⁵.

O que argumentar? Como defender suas ideias diante de tão exíguo material histórico? Em quais comprovações científicas apoiar-se? O romancista já havia argumentado:

Não penetra a história naquelas eras esquecidas, das quais se houve, já não restam documentos; evite porém rejeitá-las absolutamente por somenos e fúteis. A mitologia é a história desvanecida e confusa pela grande longitude. O povo que não a possui é como o enjeitado, órfão de tradições e privado de família²⁶.

Para escrever essa história, procura apoio tanto nas fontes religiosas – a Bíblia – quanto nas teorias científicas, tais como os estudos de Buffon²⁷. Criada a raça “vermelha”, o passo seguinte ocorrido fora uma mutação degenerativa, segundo consideravam na época, que originou a raça negra. Acreditava-se, inclusive, que esta desapareceria. A raça branca teria sido o mais recente aprimoramento da primogênita. O reencontro entre os descendentes mais antigos, os indígenas, e os mais aprimorados, representados pelo colonizador

²⁵ ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 27.

²⁶ *Ibidem*, p. 25.

²⁷ Alencar utiliza-se dos princípios da teoria de Georges Louis Leclerc de Buffon, mas a inverte para que ela ratifique sua proposta. O cientista francês, assim como vários pensadores entre os séculos XVIII e XIX, acreditava que a cor da pele era um fenômeno “acidental” e “reversível”. O “branco” era a cor originária do primeiro casal humano e constituía a “verdadeira cor natural” do ser humano. Mas, como o clima também influenciaria nas mudanças de cor, o calor ou frio extremos seriam responsáveis por lentas transformações da cor de pele, por isso tais processos seriam “reversíveis”. Buffon acreditava ainda que o homem chegaria à “perfeição e beleza” apenas entre 40 e 50 graus da latitude geográfica. Fora desse ambiente, estipulou um período para que esses ideais fossem alcançados: seriam necessárias entre 8 e 12 gerações para que o “processo de branqueamento” fosse completado. Ver: HOFBAUER, Andreas. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX: bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, n. 42-43, p. 74 e 104, jan.-jul. 2003.

português, faria parte do grande projeto divino de melhoria racial. A branca conseguira realizar um “giro completo”, voltar ao berço de seu nascimento, ao ponto inicial, mas de forma distinta: aprimorada. Essa seria a vantagem do povo brasileiro como raça miscigenada.

Alencar imprime um toque tanto de arqueologia quanto de futurismo em seus manuscritos; para projetar o futuro, recria um passado condizente. Pretende que seu esforço, incompreendido e ambicioso naquele momento, seja reconhecido integralmente: “quando a era iniciada em 1492 chegar ao apogeu, de onde domine o passado recente agora e então remoto, lobrigrando o futuro que nos é vedado, as ideias aventuradas neste livro hão de receber a sanção augusta da história”²⁸.

Segundo seu pensamento, esse reencontro não livraria o mundo e a humanidade de seu fenecimento, mas logicamente a volta ao início edênico não seria o final. Retoma a questão das diferentes interpretações do surgimento do homem no mundo – “um sistema pretende que a humanidade gira na mesma órbita: outro que avança de idade em idade” – para embasar sua minimitológia²⁹. Passa da tentativa de explicação do passado à projeção de ideias sobre a humanidade no futuro:

A civilização porém exaure as forças cósmicas. Extenuado do longo e intenso labor; inanido pela veemente expansão de sua atividade, o mundo afinal entra em decomposição. Novas terras e novas raças ignoradas surgem da penumbra do desconhecido, e oferecem à semente imperecível do progresso humano uma argila robusta e um sangue regenerado. Do seio de uma civilização que se esfacela, rebenta o gérmen da civilização nascente: verdade que envolveu a poesia dos antigos povos no mito gracioso da Fênix³⁰.

Nota-se um fundo positivista em sua concepção, cujo ápice conflui na doutrina cristã: “a alma da humanidade progride invariável, e não para na marcha ascendente que a deve remontar ao céu, de onde veio”³¹. Alencar inverte o raciocínio: não é o homem que, assim como os outros elementos

²⁸ ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 31.

²⁹ *Ibidem*, p. 32.

³⁰ *Ibidem*, p. 32.

³¹ *Ibidem*, p. 33.

do planeta, se modifica, evolui ou se extingue, é o planeta que se modifica tal qual uma alma: “representa o nosso planeta os movimentos da alma que o habita”³².

Outro recomeço aconteceria não no berço de onde a humanidade surgiu, mas – segundo a teoria que Alencar constrói em seu texto – a partir de onde ela foi projetada. Tal qual um corpo, a humanidade feneceria e a alma em marcha ascendente remontaria aos céus. O caminho da plenitude da raça miscigenada já estaria traçado pela criação divina: “o progresso moral, a perfeição da criatura inteligente, esse é contínuo e ascendente – começado na Terra só deve terminar no seio do Criador”³³. A raça indígena teria o mérito de ser a primeira; entretanto, a branca seria a canalizadora do elo entre as raças e sua ascensão ao âmbito do divino, por que não dizer, cósmica.

Alencar tentava conciliar as teorias criacionistas com as evolucionistas, buscando valorizar a realidade do Brasil, um povo miscigenado com seus problemas de ordem social e econômica onde a saída seria exaltar suas peculiaridades e projetar sua plenitude em um futuro redentor.

A quinta e cósmica raça de Vasconcelos

O prólogo a *La raza cósmica. Misión de la raza iberoamericana. Notas de viajes a la América del Sur* (1925), de José Vasconcelos, intitulado inicialmente *Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica*, obteve tão ampla projeção que, em 1949, ganhou estatuto de capítulo, recebeu um novo e mais explícito elemento temático no título – *El mestizaje* – e um prólogo.

A obra completa, uma espécie de diário de Vasconcelos pela América do Sul, apresenta relatos e opiniões da passagem do autor pelo Brasil, Uruguai, Argentina e Chile quando era embaixador do México.

No prólogo de 1925, conhecido autonomamente como “*La raza cósmica*”, o autor inicia comentando sobre a antiguidade do continente americano – os Andes seriam tão antigos quanto o planeta. Entretanto, reivindica a ancestralidade não apenas para os habitantes da América, mas também para os do suposto continente desaparecido, Atlântida. Isso porque, segundo proposta

³² ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

³³ *Ibidem*, p. 35.

do alemão Alfred Wegener, em *A origem dos continentes e oceanos* (1915), os continentes estariam unidos no momento de sua formação. Vasconcelos opta pela explicação da ciência, apesar de mais adiante argumentar que a história científica confundir-se-ia com a chamada história empírica. Ele esclarece sua intenção: “ensayemos, pues, explicaciones, no con fantasía de novelista, pero sí con una intuición que se apoya en los datos de la historia y la ciencia”³⁴.

O autor mexicano assinala em seu ensaio a existência do que chama de quatro etapas ou quatro troncos: o negro, o índio, o mongol e o branco. Não deixa claro se essas seriam etapas evolutivas de uma raça única ou se sua proposta estaria mais vinculada às teses poligênicas. Não obstante, é enfático ao decretar que o “branco” teria uma missão – “servir como ponte” –, pois ele “ha puesto al mundo en situación de que todos los tipos y todas las culturas puedan fundirse”³⁵.

Do encontro dos remanescentes dessa antiga raça, atlântica, e das contribuições da raça branca no que tange a bases materiais e morais, adviria a união de todos os homens em uma quinta raça universal, fruto das anteriores, mas suplantadora do passado. Entretanto, essa missão não teria sido iniciada por toda a raça branca, apenas pelos representantes mais audazes e fortes do que chama “família europeia”: o espanhol e o inglês. Mais adiante, entende que esses feitos teriam sido realizados também por latinos e saxões, com isso incluindo portugueses e holandeses. Descendentes dessa família europeia, os habitantes do norte do continente ganhavam estatuto de “raza prodigiosa”³⁶, por conseguir evitar a pulverização do território americano em vários países, como aconteceu no lado latino do subcontinente. Mas logo o discurso se inverte: a raça branca do norte teria cometido o pecado de destruir as outras raças, enquanto a vantagem da América Latina seria tê-las assimilado³⁷.

³⁴ VASCONCELOS, José. Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica. In: _____. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Notas de viajes a la América del Sur. Madrid: Agencia Mundial Librería, 1925. p. 3.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*, p. 10.

³⁷ Ver: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*. São Paulo: Edusp, 1995. p. 532. O autor lembra que Vasconcelos viveu nos Estados Unidos, em exílio, entre 1916 e 1919, e, voluntariamente, entre 1926 e 1929; entretanto, “é no repúdio aos Estados Unidos que ele encontra o motivo para a amalgamação das raças”. Para ele, o autor mexicano não acreditava na possibilidade de melhora das classes sociais por meio de um processo revolucionário, talvez por uma desilusão com a Revolução Mexicana, de 1910. Por isso, a transformação que Vasconcelos propõe ocorreria em outro âmbito.

A favor da miscigenação, Vasconcelos defende que as épocas mais ilustres da humanidade teriam sido aquelas em que distintos povos se misturaram³⁸. A vantagem da mestiçagem seria o efeito de um “mendelismo espiritual benéfico”, pela combinação de elementos contrários. Nesse processo, povos latinos teriam sido mais fiéis em sua missão na América, cujo propósito seria fundir o humano em um tipo universal e sintético³⁹.

A colonização espanhola, por meio da mestiçagem com o índio e o negro, teria criado a nova raça e, apesar de todos os defeitos que pudesse ter, era a “eleita” para assimilar e transformar em um novo sujeito todos os homens⁴⁰. E, de modo bastante contundente, argumenta: “su predestinación, obedece al designio de construir la cuna de una raza quinta en la que se fundirán todos los pueblos, para reemplazar a las cuatro que aisladamente han venido forjando la Historia”⁴¹. Portanto, a raça produto dessa mescla teria uma “missão étnica”.

Os argumentos de Vasconcelos sobre a antiguidade da América cruzam-se com os caminhos do misticismo e do ecletismo⁴². Em seu ensaio, há várias citações a obras de fundamentação esotérica em voga desde o final do século XIX, tais como a da autora Helena Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica (1875), cujas revelações supunham a existência de uma terra perdida no oceano Atlântico, o que indicaria a origem comum entre as culturas americanas e europeias.

Mas, apesar das “pontes” e da “cordialidade” apontadas inúmeras vezes pelo ensaísta mexicano como estabelecidas pela raça branca, o preconceito fazia-se presente em seu discurso, camuflado sob um enfoque alinhado a fatores de ordem econômica. É o que se nota em seus comentários sobre os chineses, que, segundo o autor, se “multiplicariam como ratos”; na América Latina, ao contrário do que ocorria na do Norte, eles não eram excluídos por preconceito racial, e sim por representar um empecilho ao progresso justamente no momento em que começava a haver uma tomada de consciência da necessidade de “regular os baixos instintos zoológicos”⁴³.

³⁸ VASCONCELOS, José. Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica. In: _____. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Notas de viajes a la América del Sur. Madrid: Agencia Mundial Librería, 1925. p. 24.

³⁹ GRIJALBA, Juan Carlos. Vasconcelos o la búsqueda de la Atlántida: exotismo, arqueología y utopía del mestizaje en la raza cósmica. *Revista de la Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, año XXX, n. 60, p. 333, 2º sem. 2004.

⁴⁰ VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 11.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² GRIJALBA, *op. cit.*, p. 333.

⁴³ VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 13.

Finalmente o ensaísta esclarece seu entendimento sobre a nova raça:

no será la raza de un solo color, de rasgos particulares, la que en esta vez salga de la olvidada Atlántida; no será la futura ni una quinta ni una sexta raza, destinada a prevalecer sobre sus antecesoras; lo que de allí va a salir es la raza definitiva, la raza síntesis o raza integral, hecha con el genio y con la sangre de todos los pueblos y, por lo mismo, más capaz de verdadera fraternidad y de visión realmente universal⁴⁴.

Para ele, à medida que as condições sociais melhorassem, o cruzamento racial não estaria sujeito à necessidade, e sim ao que chamava de “lei do gosto”⁴⁵. Na concepção de Grijalba, Vasconcelos buscava estabelecer uma forma de redenção estética para a mestiçagem americana, uma vez que não haveria em seu ensaio a defesa do indígena ou das raças que deveriam ser mescladas/superadas. O autor propõe a valorização do elemento indígena estetizado, “redimido por la alta cultura e investido de mexicanidad”⁴⁶. É o que se evidencia quando explana sobre a “lei dos três estados sociais”, cuja proposta visava superar as “leis puramente científicas” sobre a existência. Segundo o autor, esses estados seriam: o material ou guerreiro, o intelectual ou político e o espiritual ou estético⁴⁷.

O primeiro estado seria aquele dominado pela matéria, quando as hordas e tribos de todas as raças viveriam sob a lei da violência. Do segundo estado viriam as condenações contra as misturas raciais por uma questão de eugenia. Seria a época na qual o intelectual escrevia, cujos dados se fundamentavam em fontes científicas incompletas ou falsas, que não levariam a resultados válidos. No terceiro estado, aconteceriam as mudanças, uma vez que a missão dessa etapa seria “viver o júbilo fundado no amor”⁴⁸. Vasconcelos afirma que, apesar de sua crença na capacidade humana de modernização e aprimoramento, prefere o caminho místico à ciência positivista. Argumenta

⁴⁴ VASCONCELOS, José. Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica. In: _____. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Notas de viajes a la América del Sur. Madrid: Agencia Mundial Librería, 1925. p. 14.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 19.

⁴⁶ GRIJALBA, Juan Carlos. Vasconcelos o la búsqueda de la Atlántida: exotismo, arqueología y utopía del mestizaje en la raza cósmica. *Revista de la Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, año XXX, n. 60, p. 341, 2º sem. 2004.

⁴⁷ VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 19.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 21.

que a transformação das raças numa quinta não seria um “processo repugnante de anárquico hibridismo”⁴⁹, pois agiria sob a futura “raça ibero-americana” o terceiro fator da transformação no novo continente, o fator espiritual, que haveria “de dirigir y consumir la extraordinaria empresa”⁵⁰.

Para o mexicano, mais eficaz do que a “brutal seleção darwiniana”⁵¹, válida apenas para espécies inferiores e não para o homem, seria o procedimento de seleção pelo gosto: “los mejores especímenes iran ascendiendo en una escala de mejoramiento étnico, cuyo tipo máximo no es precisamente el blanco, sino esa nueva raza, a la que el mismo blanco tendrá que aspirar con el objeto de conquistar la síntesis”⁵².

Ao final de seu ensaio, baseado na teoria pitagórica, exalta o número oito como resultado da relação entre as três etapas da lei dos estados da sociedade (material, intelectual e estético), a contribuição das quatro raças (fadadas a desaparecer) e o quinto grupo étnico. O ensaísta encontra, nessa equação entre as cinco raças e os três estados, a simbologia do infinito e, com essa fórmula místico-matemática, chega ao resultado cósmico da raça superior e perfeita⁵³.

Vasconcelos, mesmo reagindo às tendências positivistas da época que desqualificavam a mestiçagem, ao buscar construir uma unidade e identidade nacional, absorve essas mesmas ideias e as transforma para criar a utopia de uma raça mestiça redentora. Para Grijalba, Vasconcelos recorre ao paradigma das ciências empírico-positivistas, uma vez que o positivismo teria representado uma segunda Ilustração no contexto do século XIX e, com isso,

reafirmó el realismo en el conocimiento y la comprobación científica basada en la observación de “hecho” opuesta a la especulación metafísica y religiosa. Vasconcelos, formado en la profunda influencia que el positivismo tuvo en México durante toda la segunda parte del siglo

⁴⁹ VASCONCELOS, José. Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica. In: _____. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Notas de viajes a la América del Sur. Madrid: Agencia Mundial Librería, 1925. p. 18.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ Ver: HOFBAUER. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX – bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, n. 42-43, p. 87, jan.-jul. 2003. O autor cita João Baptista Lacerda e Raimundo Nina Rodrigues, que no Brasil atribuíam às “leis da natureza” a evolução do homem, mas propunham uma manipulação no processo de seleção natural. A religião cristã seria o meio de se conseguir preservar os “povos inferiores”, e, desse modo, catequizar e civilizar tais “primitivos” seria um dever moral e o único modo de salvar a humanidade.

⁵² VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 23.

⁵³ *Ibidem*, p. 30.

XIX, forma parte también del grupo intelectual que reacciona y cuestiona dicha filosofía durante la primera década del siglo XX⁵⁴.

O ensaísta extrapola as fronteiras de uma identidade nacional que inicialmente desejava construir, pois, para defender sua utopia, passa a tratar de uma comunidade mundial, uma vez que “el cristianismo liberta y engendra vida, porque contiene revelación universal, no nacional”⁵⁵. Assim como a raça que surgiria seria mestiça, as teorias nas quais ele se baseia são heterogêneas. Vasconcelos amalgama ideias propostas por teorias científicas e místico-religiosas da época para tentar construir a identidade de uma raça mestiça redentora que, por sua vez, extrapolaria os âmbitos nacionais ou continentais em um movimento colonialista invertido (ou nem tanto, uma vez que a predominância na mescla continuaria sendo a da raça branca) que almejava torná-la universal e definitiva, em síntese: cósmica.

Do século XIX ao XXI: da raça primogênita à quinta raça, da antiga à cósmica

Ao longo desse breve paralelo, foi possível perceber que Vasconcelos e Alencar procuravam estar a par das novidades científicas, com o discurso tradicional da ideologia cristã e sem dúvida com teorias místico-científicas que pairavam no final do século XIX e início do XX na América Latina. Vasconcelos dialoga em seu ensaio com temas e autores esotéricos, além das teorias positivistas da época, em um movimento de negação e aproximação. Alencar, por sua vez, escreveu no periódico *O vulgarizador*, cujo objetivo era a divulgação da ciência para os leigos, com o duplo intuito de divertir e ensinar, ao mesmo tempo⁵⁶ que recuperava ideias da teoria positivista e da doutrina cristã.

Em comum entre ambos nota-se a defesa de que a América teria sido o berço da humanidade. Ainda que os caminhos percorridos por eles sejam distintos, convergem no que diz respeito ao tema da raça e na importância dela para tratar de questões de identidade nacional. Mesmo que Alencar ini-

⁵⁴ GRIJALBA, Juan Carlos. Vasconcelos o la búsqueda de la Atlántida. Exotismo, arqueología y utopía del mestizaje en la raza cósmica. *Revista de la Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, año XXX, n. 60, p. 343, 2º sem. 2004.

⁵⁵ VASCONCELOS, José. Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica. In: _____. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Notas de viajes a la América del Sur. Madrid: Agencia Mundial Librería, 1925. p. 26.

⁵⁶ O subtítulo era “jornal dos conhecimentos úteis”. Ver site da historiadora Moema Vergara, onde se encontram digitalizados os exemplares do periódico.

cie tratando da América, logo o protagonista de seu ensaio torna-se o Brasil. Argumenta o cearense:

eis uma utopia, que lisonjeia nossos patriotismos, e sobre a qual se eu tivesse tempo escreveria um devaneio arqueológico, só pelo malicioso prazer de mostrar aos antiquários que a imaginação pode reproduzir o mundo pré-histórico da mesma forma e com o mesmo fundamento que eles o fazem⁵⁷.

Vasconcelos defende questões nacionais, mas apela a aspectos continentais até chegar aos universais e extrapolá-los no cósmico: “y justamente allí donde nada descubre el analista, el sintetizador y el creador se iluminan”⁵⁸. A respeito da criação de uma identidade nacional, Grijalba defende que a busca de uma origem milenar e gloriosa empreendida pelo ensaísta e por vários outros foi uma das tarefas indispensáveis para a construção nacionalista do passado mexicano⁵⁹. Nessa linha de pensamento, Schwartz argumenta que, na fusão de diversas identidades proposta por Vasconcelos, está presente uma reação contra o poder branco instalado na América Latina desde a época da conquista⁶⁰. Há, sem dúvida, por parte do mexicano, uma reação às teorias em vigência nos Estados Unidos e na Europa desde a segunda metade do século XIX, que desconsideravam a capacidade do povo miscigenado. A busca pelo tempo ancestral glorioso seria um modo de criar um passado que promovesse um futuro redentor, que viesse a equilibrar as distorções em relação à mestiçagem. Porém, essa “correção” apenas inverte os fatores: o mestiço americano será o povo hegemônico do futuro, mas forjado pela “lei do gosto”. Na verdade, o que se buscaria nesse mestiço eram mais características do branco. Essa utopia seria produzida como negação e repressão simbólica ao conflito social do qual ela emerge⁶¹.

⁵⁷ ALENCAR, José de. O homem pré-histórico na América. In: ALENCAR, José de. *Anti-guidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 79.

⁵⁸ VASCONCELOS, José. Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica. In: _____. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Notas de viajes a la América del Sur. Madrid: Agencia Mundial Librería, 1925. p. 2.

⁵⁹ GRIJALBA, Juan Carlos. Vasconcelos o la búsqueda de la Atlántida. Exotismo, arqueología y utopía del mestizaje en la raza cósmica. *Revista de la Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, año XXX, n. 60, p. 333, 2º sem, 2004.

⁶⁰ SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*. São Paulo: Edusp, 1995. p. 532.

⁶¹ GRIJALBA, Juan Carlos. Vasconcelos o la búsqueda de la Atlántida. Exotismo, arqueología y utopía del mestizaje en la raza cósmica. *Revista de la Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, año XXX, n. 60, p. 342, 2º sem. 2004.

Para o autor brasileiro, quase cinquenta anos antes, o anseio seria verificar a questão da raça e suas diferenças entre elas como uma forma de construir não apenas uma identidade nacional, mas também um futuro para nosso país. Os fragmentários ensaios de Alencar talvez fossem esboços para uma criação de maior fôlego, outras peças de seu grande projeto de construção de uma identidade nacional que se propunha a mapear literariamente as várias regiões do Brasil, seus habitantes e suas peculiaridades. Seriam formas de ensaiar sobre um passado bastante desconhecido e reinventá-lo.

Procurar a antiguidade da raça americana/brasileira em Alencar seria um modo de entender e criar a história do passado e do presente no qual ele vivia, assim como fez ao longo de sua obra. Por meio de *bricolages*, visou construir uma possibilidade de futuro promissor para um povo mestiço. Vasconcelos, em sua busca pela ancestralidade da raça, parece desejar transformar o presente em uma ponte que deveria ser rapidamente transposta, tanto na literatura quanto em seus utópicos projetos políticos, e projetar o futuro no qual a raça idealizada estaria em uma vantagem definitiva.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Edição, apresentação e notas de Marcelo Peloggio. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- GRIJALBA, Juan Carlos. Vasconcelos o la búsqueda de la Atlántida. Exotismo, arqueología y utopía del mestizaje en La raza cósmica. *Revista de la Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, año XXX, n. 60, p. 329-347, 2º sem. 2004.
- HOFBAUER, Andreas. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX: bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, n. 42-43, p. 63-70, jan.-jul. 2003.
- PELOGGIO, Marcelo. A intuição geral do mundo: Alencar e Chardin. In: ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 131-153.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Comp.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

REBELO, Fernanda. Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro na virada do século XIX para o XX. In: MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira *et al.* (Ed.). *Filosofia e história da biologia*. v. II. São Paulo: Livraria da Física Editora: Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2007, p. 159-177.

SABINO, César. Arauto da diferença: José de Alencar e a ética do indecível. In: ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 109-129.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*. São Paulo: Edusp, 1995.

VERGARA, Moema. *O Vulgarizador – jornal dos conhecimentos úteis*. Disponível em: <<http://www.mast.br/ovulgarizador/introducao.php>>.

VASCONCELOS, José. Origen y objeto del continente. Latinos y sajones. Probable misión de ambas razas. La quinta raza o raza cósmica. In: _____. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Notas de viajes a la América del Sur. Madrid: Agencia Mundial Librería, 1925. p. 1-30.